

A PAISAGEM DO PORTUGUÊS CENTRO HISTORICO DE SÃO FRANCISCO DO SUL (BR)

Diva de Mello Rossini

Universidade do Vale do Itajaí - Mestrado em Turismo
Email: divarossini@univali.br

Tânia Beisl Ramos

Doutorado em Arquitetura - Universidade de Lisboa
Email: taniaramos@fa.ulisboa.pt

Luciano Torres Tricárico

Mestrado em Turismo - Universidade do Vale do Itajaí
Email: tricarico@univali.br

RESUMO

Este artigo divulga a importância da preservação da paisagem do centro histórico das cidades por meio da conservação do patrimônio histórico construído, o qual se caracteriza como um atributo para o desenvolvimento do turismo cultural. O método de Rossini (2014), com categorias de análise da paisagem hierarquizadas por meio da análise de redes sociais, foi aplicado na Baixa Pombalina em Lisboa (PT) e no centro histórico de São Francisco do Sul (BR). O resultado desta investigação demonstra que o centro histórico estudado possui características similares às urbes de origem portuguesa e fato que o transforma em um sítio repleto de potencialidades turísticas. O conhecimento produzido poderá nortear a elaboração de políticas públicas que contribuam com o desenvolvimento do turismo cultural local e regional, além de beneficiar a comunidade científica do Brasil, com a produção de novos conhecimentos nas áreas de Arquitetura, Patrimônio Histórico das Cidades e de Turismo.

Palavras-chave: Paisagem; Centro Histórico; Patrimônio Histórico Construído; Turismo cultural

ABSTRACT

This article discloses about the importance of preserving the historic center of the landscape of cities through the conservation of built heritage, which is characterized as an attribute to the development of cultural tourism. The Rossini method (2014), with analysis of hierarchical categories of landscape through the analysis of social networks, was applied in the Baixa in Lisbon (PT) and the historic center of São Francisco do Sul (BR). The result of this research shows that the historic center studied has similar characteristics of Portuguese origin and urbes fact that turns it into a place full of tourist potential. The knowledge produced can underpin the development of public policies that contribute to the development of local and regional cultural tourism, as well as benefit the scientific community in Brazil, with the production of new knowledge in the areas of Architecture, Heritage of Cities and Tourism.

Key words: Landscape; Historic Center; Built Heritage; Cultural Tourism

1 INTRODUÇÃO

Esta investigação foi desenvolvida com intuito de contribuir com a comunidade científica do Brasil e de Portugal, por meio da identificação de elementos urbanos arquitetônicos autênticos, que compõe a paisagem do centro histórico de São Francisco do Sul (BR), e também demonstrar que este é um sítio repleto de atributos culturais que podem vir a contribuir com a economia local, por meio do desenvolvimento do turismo.

As relações entre estes dois países iniciam com as navegações portuguesas e o descobrimento de territórios ultramarinos. Inicialmente as relações eram meramente extrativistas e somente deixaram de ser, mediante a ameaça de apropriação das terras brasileiras por outros povos, fato que desencadeou o processo de desenvolvimento das cidades brasileiras. Neste período, século XVIII, a cidade de Lisboa (PT) era um dos maiores polos econômicos e culturais da Europa. Sua ascensão foi marcada, sobretudo, pela reconstrução da baixa pombalina, área central da cidade, que sediava os principais acontecimentos socioeconômicos e culturais, dizimada pelo terremoto no ano de 1755 (Pereira, 1994; Augusto-França, 2009).

No Brasil, apesar da extração de suas riquezas, as quais financiaram toda a reconstrução de Lisboa, as cidades do litoral brasileiro começaram a surgir, dentre elas São Francisco do Sul, já descoberta pelos franceses no século XVI, portanto a terceira cidade mais antiga do país (PMSFS, 2010).

É de conhecimento da comunidade científica que as cidades de origem portuguesa apresentam características morfológicas próprias, as quais as distinguem de outras culturas, devido à influência de diversas tradições. Estas manifestações passam pela escolha do sítio e permeiam minúcias, que chegam às tipologias das aberturas da arquitetura popular (Augusto-França, 2009). Muitas são as obras que registram os planos e as tecnologias que nortearam o crescimento das cidades portuguesas em Portugal, mas poucas versam sobre a aplicação destes mesmos princípios nas cidades portuguesas no Brasil.

Compreende-se, neste estudo, o termo cidade como o palco dos acontecimentos da sociedade e que por este motivo conta história de muitas gerações, pois nele está delineada a gênese destas urbes, a história destes assentamentos humanos que ficaram registrados nos traçados urbanos e nos elementos edificados (Lynch, 1997; Santos, 1998; Rossi, 1995; Souza, 2004). Portanto as cidades são compostas por um emaranhado de edifícios, ruas e espaços, os quais constituem o espaço urbano, e quando organizados visualmente originam a paisagem urbana, conceito de Cullen (1983).

Impulsionados por movimentações do passado, no século XX, a cidade e seus centros históricos voltam a ser tema de discurso dos políticos, técnicos e jornalistas, bem como da população em geral, tornou-se matéria de importância frente à transformação das cidades, fato que perdura até os dias atuais (Pozo y Barajas, 2009; Moreno, 2002).

Como o centro histórico da cidade passa a ser um importante objeto deste processo. O patrimônio cultural edificado assume o papel de estruturador das primeiras formas e funções urbanas. Torna-se responsável pela vitalidade urbana no decorrer da história, pois neste centro urbano encontramos uma diversidade de formas e funções, pretéritas e presentes, de signos e significados que ganharam ou perderam a importância social no decorrer do tempo (Moreno, 2002).

Sendo assim, esta preocupação com os centros históricos promoveram o desenvolvimento de uma consciência patrimonial que passou a revelar os antigos centros urbanos como um reflexo do presente e do futuro, muito mais que do passado. Este processo deflagrou a formação de uma memória patrimonial que deverá responder às necessidades das sociedades do futuro. Sociedade que foi criada a partir da aceleração da vida moderna, promovida pelo crescimento das periferias, pela desertificação dos centros urbanos e pelo desaparecimento dos modos de vida tradicionais.

Esta investigação também se apropria dos conteúdos desenvolvidos por autores como Yázigi (2001) que abordam fatos que promovem a perda da identidade paisagística, representada pela arquitetura e pelo traçado urbano, devido a problemas gerados pelo desenvolvimento tecnológico, aliados ao processo de globalização, que vem promovendo a perda da memória e da identidade devido à massificação cultural e a dizimação do patrimônio histórico edificado das cidades.

O objeto empírico desta análise foi o centro histórico de São Francisco do Sul, uma das cidades mais antigas do Estado e do Brasil, ocupada por portugueses no XVIII. E o bairro da Baixa Pombalina em Lisboa (PT), local onde foi realizado um estudo de caso. Também foram coletados dados em fontes bibliográficas, documentos cartográficos, acervos de instituições portuguesas e a partir da percepção dos pesquisadores, durante a pesquisa de campo.

O método que norteou a pesquisa de campo foi desenvolvido por Rossini no ano de 2012 e aprimorado em 2014, cujas categorias utilizadas para analisar a paisagem de ambos os espaços foram hierarquizadas por meio da análise de redes sociais.

Os resultados obtidos demonstram significativa similaridade entre a paisagem destes sítios urbanos e sinaliza que o processo de globalização pouco alterou a cultura da cidade de São Francisco do Sul, pois

Este construto, além de ser divulgado por meio de publicações científicas, poderá ser utilizado para subsidiar o desenvolvimento de políticas públicas que poderão nortear roteiros e planos turísticos, divulgando para a sociedade dados da cultura de Portugal no Brasil, contribuindo para a preservação do núcleo histórico e para a melhoria economia de São Francisco do Sul, cuja paisagem permite ao observador vivenciar experiências do passado e também perpetuar a memória e a identidade destas sociedades.

Os vencedores do concurso foram os arquitetos e engenheiros militares Manuel da Maia, Eugénio dos Santos e Carlos Mardel, todos participaram do levantamento e da execução dos projetos para erguer a

nova cidade, sob a tutela da política pombalina. Este plano urbanístico, figura 02, impunha um traçado geométrico ortogonal, com hierarquização de vias, definidas em função de duas praças principais, a Praça do Rossio, centro comunitário, e a Praça do Comércio, antigo Terreiro do Paço, centro político e econômico (Museu da Cidade, 2013).

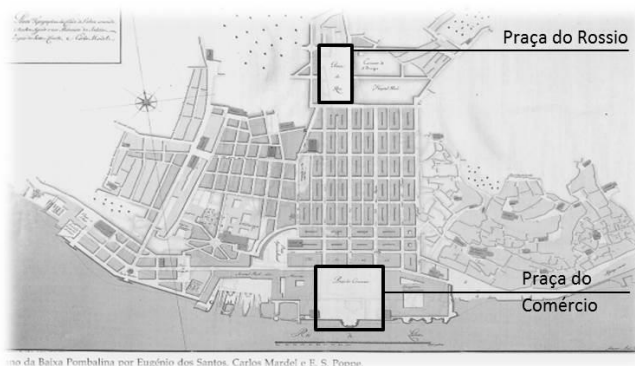


Figura 02 – Plano urbanístico para a reconstrução de Lisboa.

Museu Da Cidade (2013) com informações adicionadas pelos autores.

O projeto de reconstrução prevê que as ruas podem ser classificadas como principais (tipo A), travessas (tipo B) e ruas secundárias (tipo C), sendo que cada uma corresponde a largura de 60, 40 e 30 palmos, respectivamente, “área de estudo”. Também foi previsto um padrão de fachada para cada tipologia construtiva, “conteúdo”. As ruas principais deveriam ter edifícios do tipo A, com cantarias recortadas em todas as portas e janelas, com ombreiras que simulam consoles, o arco da janela do terceiro andar, com a pedra inserida na cornija, o primeiro andar separado por uma faixa dos demais e com sacadas de pedra, com guarda corpo de ferro, ligados por um friso. Já o tipo B é uma variante deste com varandas no primeiro andar, mas sem a faixa separadora, com cantarias não recortadas e com ou sem fechamentos na janela do terceiro andar. E o tipo C, o mais simples, não tem varandas e as cantarias das janelas não são recortadas. No rés-do-chão os vãos correspondem às lojas ou às entradas dos prédios, conjugando-se vergas curvas, retas ou com pequenos recortes nas extremidades. Cada caso deveria resolver as condicionantes da sua localização, adaptando-se não só à hierarquia dos espaços públicos, mas também às condições de variação de topografia, figura 03. Os “lotes” eram regulados em módulos, “limite”, o que permitia variar os seus tamanhos sem denunciar uma variação na fachada, que deveria apresentar-se contínua, tornando o quarteirão na unidade da composição urbana, embora admitindo uma série de combinações. As normativas previam uma coerência do todo, como a introdução dos novos andares ou os telhados duplos, colocados por Mardel na tipologia do Rossio (Augusto-França, 2009).



Figura 03 – Fachadas dos edifícios das ruas A, B e C, respectivamente.

Ishizaka (2011).

Devido ao esmero do planejamento urbano este permanece até os dias de hoje, “área estudo”, figura 04, é tema de várias discussões de âmbito político nacional. Segundo o Jornal da Construção, publicado em julho de 2010, a partir dos movimentos sociais em prol do reconhecimento da Baixa pombalina como Patrimônio da Humanidade, foi elaborado um Plano de Pormenor de Salvaguarda para esta região, o qual tem como intuito promover a requalificação urbana de uma área constituída, em grande parte, por edifícios devolutos e em mau estado de conservação, regulamentar as condições de intervenção nos edifícios e espaços públicos, bem como articular a cidade com a zona ribeirinha, criar equipamentos que complemente os já existentes e qualificar os espaços públicos.



Figura 04 – Mapa com delimitação área da Baixa Pombalina.
CML (2013).

As atividades de campo iniciam junto a Praça do Comércio e findam defronte a Praça do Rossio, figura 02, “limite”.

A Praça do Comércio, antigo Terreiro do Paço, “locus” foi projetada segundo os princípios de praça real, para onde foi pensado o uso de arcadas e estátua, “ótica”. Assim como, o monumental arco do triunfo que coroa a composição deste conjunto de edifícios, “conteúdo”, sob a forma de uma ferradura e ao centro deste complexo esta estátua equestre do rei Joaquim Machado de Castro, figura 05.



Figura 05 – Imagens do Arco do Triunfo, do edifício em forma de ferradura e da estatua equestre.
CML (2013).

Percebeu-se uma perspectiva grandiosa, “ótica” que se abre para o Rio Tejo, “borda, limite”. Cercada por um conjunto de edifícios monumentais, em forma de ferradura, este sítio que foi e continua sendo o “locus” de muitos acontecimentos, figura 06.



Figura 06 – Perspectiva grandiosa que se abre junto ao Rio Tejo.
Ishizaka (2011).

Sob o Arco do Triunfo esta a Rua Augusta, trajeto 2, figura 07. A “visão serial”, ótica, é de uma perspectiva velada nos dois sentidos, devido a estatua e as edificações que circundam e limita este grande eixo monumental, o qual culmina junto a Praça Dom Pedro IV, chamada de Rossio, “conteúdo” um vazio urbano, núcleo de centralidade, “locus”.



Figura 07 – Arco do Triunfo em direção a Rua Augusta até a Praça do Rossio.
Ishizaka (2011).

Os arcos dos edifícios circundam a Praça do Comércio, “local” figura 08. Há uma série de elementos repetitivos, arcos, ritmos que originam uma “perspectiva velada”, que promove a sensação de apropriação do espaço, paisagem interior que revela ricos elementos de ordem cultural. Estes edifícios que circundam a praça, sempre foram signos do poder governamental, “conteúdo”.



Figura 08 – Vista dos arcos internos dos corredores dos edifícios que circundam a Praça do Comércio.
Ishizaka (2011).

Na Rua Augusta, à direita, esta a imagem de um elemento monumental, único, o elevador de Santa Justa, “lôcus” figura 09. Edificação que propicia “visão serial”, ótica, de parte da cidade, iniciando pelo traçado reticular formado pelas vias, cuja hierarquia segue os preceitos do plano pombalino, assim como as edificações que as circundam. Identifica-se a relação altura dos edifícios x largura da rua, estratégia adotada para evitar o efeito dominó, um edifício ruindo sobre o outro, em caso de abalos sísmicos, “lotes”. A largura das ruas é igual ou maior que a altura dos edifícios que a ladeiam. As casas, “área residência” foram construídas todas com a mesma altura, “limite”, com 4 ou 5 pavimentos, com fachadas iguais. Todas foram construídas sobre estacas de madeira, mergulhadas nas águas do subsolo e entre os edifícios foram construídos muros corta-fogo para evitar a propagação das chamas (Pessoa, 2014).

A topografia acidentada estabelece um “limite” o qual culmina junto à imagem do Castelo São Jorge, “lôcus” pré-histórico, início da ocupação deste território, local onde é possível avistar os telhados do plano pombalino, figura 09.



Figura 09 – Elevador de Santa Justa com os edifícios pombalinos, o traçado urbano, as coberturas pombalinas e o Castelo São Jorge.
Ishizaka (2011).

A pesquisa de campo termina junto a Praça do Rossio, “lócus”, trajeto 3 “perspectiva velada”, praça de traçado barroco, com estátuas, chafariz e edifício monumental ao fundo, figura 07.

É fato a preocupação constante com o turismo na cidade de Lisboa, pois são avaliados periodicamente os planos estratégicos para o desenvolvimento do Turismo, sendo que o vigente começou a ser implantado no ano 2011 e deverá ser concluído neste ano de 2014. Nele constam estratégias referentes a mercados, segmentos, produtos e marca. Também constam estratégias de marketing, relacionadas com imagem e comunicação, ou operacionais e de suporte, que orientam a infraestrutura, acessibilidade, recursos turísticos, recursos culturais e recursos humanos. Este plano pretende que o setor turístico cresça em quantidade e valor, qualifique a experiência do visitante e aumente a notoriedade do destino. Dele faz parte a proposta de fazer renascer do Terreiro do Paço como ponto de encontro numa Praça Capital, ponto de partida de nossa pesquisa (Turismo, 2011).

4 A PAISAGEM DO CENTRO HISTÓRICO DE SÃO FRANCISCO DO SUL

No século XVIII os portugueses deram início a construção desta urbe (Santos, Nacke e Reis, 2004).

No entanto, a efetiva apropriação deste território foi realizada pelos bandeirantes paulistas no ano de 1671, quando foram ocupadas extensas faixas do litoral brasileiro. Nesta época estabeleceram-se na Ilha de São Francisco do Sul (BR) um grande número de casais portugueses, vicentistas e paulistas. A economia era essencialmente agrícola, baseada no trabalho escravo e em atividades domésticas (Pereira, 2007).

No ano de 1665 passou de Vila para Paróquia Nossa Senhora da Graça e em 15 de abril de 1847, foi elevada a categoria de cidade (PPHSFS, 2013).

O núcleo urbano, “bairro” foi implantado sobre uma pequena elevação, local do centro histórico, o qual, expressa as características dos territórios ocupados pelos povos da antiguidade clássica. Este local possui um arruamento, “limite” que se apresenta sob a forma de uma malha reticular, embora a ortogonalidade do traçado seja difícil de ser observada devido à acidentada topografia, muito semelhante à malha urbana de Lisboa. Evidenciando a ocupação deste território segue os preceitos das Cartas Régias dos séculos XV, XVII e XVIII, as quais ditam plano de ocupação e sugere sua adaptação às características morfológicas do terreno, conferindo ao sítio físico uma ambiência de forte centralidade em relação ao núcleo urbano, que ainda se faz presente (Augusto-França, 2009).

As ruas principais, “limite”, estão paralelas à linha de costa, “borda” e as secundárias cruzando-as, quase sempre, em ângulo reto. Estas ruas definem um conjunto de quarteirões retangulares, “área estudo” orientados na direção do mar. Cada um destes quarteirões é constituído por duas filas de “lotes” urbanos organizados costas-com-costas. As frentes destes lotes estão voltadas para as ruas principais, não havendo lotes urbanos orientados para as ruas perpendiculares, todos são retangulares.

Junto ao centro, esta a igreja, “lócus, conteúdo”, situada no meio de uma praça retangular, a qual corresponde pelas suas dimensões e sua relação com a restante malha urbana, a um quarteirão não construído. Este plano, expressa a manifestação dos princípios barrocos aplicados sobre o planejamento medieval, modelo que foi aplicado em Portugal, no Brasil e no Oriente, figura 05 (Oliveira, 2010).



Figura 05 - Mapa da Cidade de São Francisco do Sul (BR) com demarcação de princípios do urbanismo português, século XXI.

PPHSFS (2013), com informações adicionadas pelos autores.

A figura 03 demonstra as irregularidades do traçado devido à interferência da topografia, os dois morros conferem um afunilamento do desenho do espaço urbano, embora tenha sido mantida a ideia da malha reticulada e ortogonal, um traçado reto e paralelo nos primeiros arruamentos, que partem da Rua do

Babitonga em direção a parte alta da cidade. Ao lado esta a reticula da Baixa Pombalina, um traçado aplicado durante a fase de reconstrução, ladeado pelo traçado de origem medieval.



Figura 03: Traçado Urbano da cidade de São Francisco do Sul (1) e da Baixa Pombalina, Lisboa (2)

Google Earth (2014) com informações adicionadas pelo autores.

As fachadas dos edifícios embora não sejam iguais, apresentam a mesma forma de implantação, ao rés da rua e do chão, “bairro, limite”, criando uma perspectiva grandiosa, em direção a borda d’água e velada, em direção ao Mercado Público. O porto, “locus” sempre foi a principal atividade econômica, as ligações por meio da navegação eram imprescindíveis para a proteção do território e a conexão com Lisboa, relacionando assim, todo o desenho da cidade a sua orla marítima “borda”, figura 06.

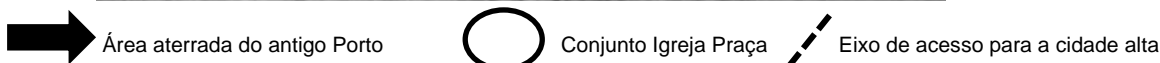


Figura 06 – Imagem da cidade de São Francisco do Sul, vista a partir da Baía de Babitonga (BR), século XXI.

PMSFS (2013) com informações adicionadas pelos autores.

O marco zero da cidade está junto ao Mercado Público e píer, figura 05, local onde os navios eram atracados, na Baía da Babitonga, “perspectiva grandiosa, ótica”, local com águas calmas e claras. O píer foi construído sobre a baía, antigo ponto de atracação das embarcações. O edifício do Mercado Público foi construído no ano de 1900 (Iphan, 2010) ele contrasta junto a paisagem de borda da baía, é uma iniciativa local, um enclave, que aponta uma sucessão de pontos de vista, “ótica”. Ao transpassar o pórtico há uma apropriação do espaço, cuja paisagem interior revela um recinto rico em elementos de ordem cultural, sua arquitetura é rica em pormenores, conteúdo, com detalhes em ferro e cimalkas de argamassa. Este edifício reduz a magnitude de sua paisagem, perspectiva velada, quando volta às costas para a baía. Como esta situada junto de uma baía, uma das praças, foi colocada no lugar de aterragem da porta de entrada e a outra no centro da cidade a outra, ambas as tipologias são encontradas, são de forma retangular, tipologia típica das cidades ultramarinas portuguesas, “locus”. A praça a beira-mar é uma prática de assentamento colonial espanhol e também espírito do espaço pré-pombalino.



Figura 05 – Mercado Público e píer.

Acervo dos autores (2013).

Ainda que o cruzamento das vias esteja em frente ao píer e não no próprio píer podemos definir esse espaço como um cruzamento considerando também o deslocamento dos turistas devido ao transporte marítimo, figura 07. Os cruzamentos são pontos, locais estratégicos de uma cidade, onde o observador pode entrar e constituem intensivos focos para os quais e dos quais ele se desloca. Muitos destes nós partilham da natureza, tanto das junções como das concentrações (Lynch, 1960).

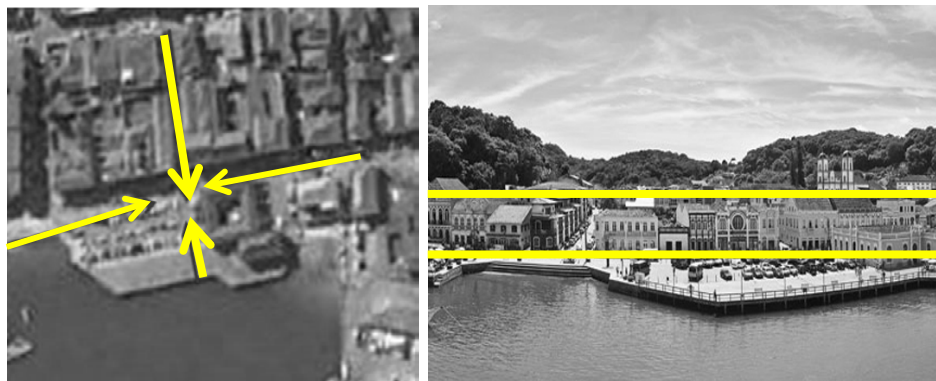


Figura 07: Mapa demonstrando fluxos que se interseccionam junto ao píer (praça) e a linearidade das edificações.
Google Earth (2014) com informações adicionadas pelos autores.

O gabarito da Rua do Babitonga, onde o píer e o Mercado público fazem parte, promove o estreitamento do visual com uma perspectiva delimitada, ótica. Alguns sobrados, loja no térreo e residência no pavimento superior, área-residência, ocupam toda fachada do terreno, construídas sobre o alinhamento da via pública e sobre os limites laterais. A tipologia de ocupação dos lotes é em fita e os edifícios são de arquitetura eclética, estilo arquitetônico típico do início do século XIX, figura 08 (Reis Filho, 1970).

A rua que fica defronte para a baía, cuja paisagem é constituída por casas em bloco unidas umas às outras, de frente para a rua, figura 09, formam uma cortina, uma parede paralela a própria rua (Rossi, 1995). Essa “parede” serve como uma espécie de limite, que mantém uma região isolada das outras, mas também podem ser interpretadas como costuras, linhas ao longo das regiões que se definem e se encontram, figura 10 (Lynch, 1997).

Perpendicularmente a esta via, duas quadras a baixo, contrastando com esta paisagem está um edifício, posto de gasolina, de tipologia arquitetônica racionalista (Reis Filho, 1970) típica do início do modernismo no Brasil, figura 13.



Figura 13: Vista do conjunto de edifícios racionalistas.
Acervo dos autores (2013).

A Igreja de Nossa senhora das Graças, figura 14, indubitavelmente é um dos pontos mais interessantes de São Francisco do Sul, um ponto focal, nodal, um marco devido a sua morfologia, que confere a monumentalidade ao edifício, como uma escultura. Sua construção iniciou em 1699, com argamassa composta de cal de concha, areia e óleo de baleia, originalmente construída em estilo veneziano e com uma só torre, no entanto, passou por diversas modificações e em 1921 foi construída a segunda torre. Nos fundos da Igreja há um espaço que além de abrigar artigos religiosos possui algumas paredes com os materiais originais da época de sua construção. Em seu acervo está a imagem de Nossa Senhora das Graças (1533) deixada no local por espanhóis, que navegavam pela baía da Babitonga, além de outras estátuas barrocas dos séculos XVII e XVIII, e um órgão trazido do Rio de Janeiro, em 1823, utilizado ainda hoje (Iphan, 2012).



Figura 14: Igreja Nossa Senhora das Graças, vista do píer e da Praça Getúlio Vargas.
Acervo dos autores (2013).

Estas edificações que contrastam com a igreja, talvez sejam as primeiras da cidade, pois a relatos que a configuração da vila surgiu a partir da igreja no ponto mais alto, cidade alta, herança dos romanos, uma das primeiras civilizações a serem instaladas em Lisboa (PT). Estes edifícios que foram construídos ao rés-do-chão, possuem tipologia arquitetônica típica do período colonial, com um acesso principal, duas janelas e ocupação do lote em fita (Reis Filho, 1970) “quanto maior o número de janelas, maior o imposto a ser pago a monarquia”, figura15.



Figura 15: Residência de arquitetura típica do período colonial.
Google Earth (2014).

Considerada como “área-estudo” por suas peculiaridades arquitetônicas, definida por suas características históricas, as quais coincidem com um fato urbano preciso (Rossi, 1995). Esta área possui arquitetura da Art déco, sede da Prefeitura e Cine Teatro X de Novembro, com formas puras e pouca ornamentação, linhas ortogonais verticais que contribuem para que o edifício pareça ser maior do que o seu tamanho original, figura 17.



Figura 17: Prefeitura Municipal de SFS e Cine Teatro XV de Novembro
Acervo do autor (2014).

O Museu do Mar, figura 19, antigo armazém, lócus, primeiro do gênero no Brasil, instalado em setembro de 1991 e inaugurado em dezembro de 1992. O local abrigava anteriormente o conjunto de depósitos e escritórios da antiga Empresa de Navegação Hoepcke, construídos no fim do século XVIII. O edifício é de arquitetura eclética com influência alemã, possui uma impressionante estrutura de madeira, é uma das mais antigas edificações da cidade (Iphan, 2010). É uma construção de caráter monumental, um marco, cuja configuração gera uma perspectiva velada, em virtude da disposição dos edifícios que formam

este conjunto. Esta perspectiva se torna grandiosa ao dobrar a esquina, com a visualização da Baía da Babitonga, ótica, limite, borda.



Figura 19 – Baía da Babitonga e Museu do Mar.
Acervo do autor (2013).

Junto a Rua da Babitonga, há um paredão composto por diversas edificações imponentes. No entanto, a que merece desta que é o Clube XXIV de Janeiro. Este edifício teve sua fachada restaurada com o incentivo do Programa Monumenta (Iphan, 2012), suas cimalhas e janelas são típicas do período colonial, figura 20.

As margens da baía, o edifício que se destaca é o do antigo Clube XXIV de Janeiro, figura 19, construído em 1905, conserva fortes traços do estilo do período colonial. O intuito do projeto, elaborado por Marcos Gorresen e Jose Augusto Nobrega, era que os ambientes fossem requintados para atender as atividades culturais e sociais. Sofreu reformas para abrigar o Cine Radium em 1950. Dos traços originais da edificação – arquitetura em estilo eclético - pouco resta além da fachada principal e as paredes periféricas. No pavimento térreo atualmente, estão algumas lojas e no segundo pavimento há um grande salão (Iphan, 2010).



Figura 20 – Clube XXIV de Janeiro e o conjunto de edifícios.
Acervo do autor (2013).

5 ANÁLISE E RESULTADOS

Observou-se que as características topológicas definem a estrutura física de Lisboa (PT) e também de São Francisco do Sul (BR), onde as cidades moldam-se no sítio físico preexistente numa composição que define a paisagem. Sendo assim, foi possível constatar que por meio da morfologia urbana se estabelece uma relação de similaridade entre os traçados das urbes estudadas, onde há uma sobreposição de camadas, *layers*, que demonstram as permanências coloniais.

O quadro 01 demonstra as similaridades e persistências de por meio do levantamento histórico, cartográfico, de campo e fotográfico, informações que ratificam a veracidade da paisagem, dos espaços públicos e das edificações.

Características Morfológicas	Lisboa (PT)	São Francisco do Sul (BR)	Persistências
Paisagem	O plano urbano para reconstrução define uma nova imagem da cidade, mais homogênea, mais regular e mais moderna.	O plano urbano português demonstra o domínio territorial, implanta o centro histórico em terreno elevado e estabelece traçado urbano reticular.	O plano de ocupação deve adaptar-se as características morfológicas do terreno (Cartas Régias dos séculos XV, XVII e XVIII).
Espaços Públicos	Carta Régia de 1498 define uma proposta de desenvolvimento tardo-medieval da cidade no Rossio, com “vuelas” de acesso à envolvente urbana. A “rua” surge como elemento de ligação entre praças e quarteirões e entre os novos equipamentos urbanos, estrategicamente localizados no território.	As ruas principais estão paralelas à linha de costa e as secundárias cruzando-as em ângulo reto, não há muitas praças, mas na existente a rua é o elemento de ligação, nem monumentos centrais ao eixo principal, devido às características topográficas do terreno e as modestas condições econômicas da sociedade da época.	A praça é o elemento central da malha urbana. Cidades construídas a partir de traçados simétricos, modelos arquitetônicos uniformes, edifícios de habitação com fachadas construídas voltadas para a rua principal.
Edificações	Restauração das fachadas danificadas e das ruas principais. As edificações utilizam tijolos, diminuição ou demolição dos balcões; casas iguais e alinhadas por “cordel”.	As edificações definem o desenho da cidade e de sua orla marítima. Casas iguais e alinhadas por cordel.	As edificações definem a área de praça. Alinhamentos das fachadas ao longo das principais ruas da cidade.

Quadro 01 – Análise de Lisboa (PT) e São Francisco do Sul (BR).

Elaboração própria a partir de dados da investigação.

O quadro 02 demonstra que todas as categorias de análises que foram identificadas na Baixa Pombalina também estão presentes no centro histórico de São Francisco do Sul, conferindo autenticidade a paisagem estudada. Local onde foram encontrados signos que identificam a permanência da herança portuguesa aplicada aos territórios ultramarinos, conquistados e povoados durante o Período Pombalino. E apontam que este patrimônio material é um grande atributo para o desenvolvimento do turismo cultural local.

Categorias	Baixa Pombalina	Centro Histórico S.F.S
Conteúdo	x	x
Ótica	x	x
Local	x	x
Lócus	x	x
Área estudo	x	x
Área residência	x	x
Bairro	x	x
Limite	x	x
Borda	x	x
Lotes	x	x

Quadro 02: Síntese das categorias de análise da paisagem identificadas durante a pesquisa de campo na Baixa Pombalina, Lisboa (PT) e Centro Histórico de São Francisco do Sul (BR).

Elaboração própria a partir de dados da investigação.

O produto desta pesquisa evidencia a importância da incessante busca por informações e associações de fatos que situem os acontecimentos em uma linha temporal, para facilitar a compreensão, pois apesar das dificuldades de comunicação entre continentes, existe um processo de aculturação, proveniente da troca de experiências entre povos e adaptações as realidades diversas.

A figura 08 mostra a configuração morfológica da Baixa Pombalina, conferindo autenticidade e demonstrando suas potencialidades turísticas culturais, assim como perpetua a história da evolução desta parte da cidade.

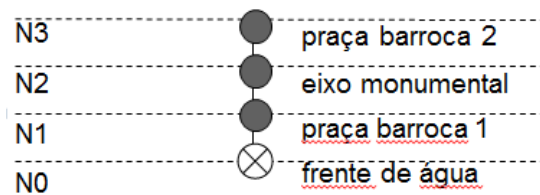


Figura 08 – Gráfico topológico conectando por meio de 3 níveis do Terreiro do Paço ao Rossio. O nível base N0 refere-se à “Frente de água”.

Elaboração própria a partir de dados da investigação.

Já as figuras 09 e 10 representam alternativas de percurso entre as respectivas praças principais cujas linhas de conexão unem as ruas de acesso (nodos circulares), opções de trajetos identificados no caso português. Vale salientar que a eleição de um caminho preferencial na malha urbana em detrimento de outros ocorre devido à presença do comércio. A representação dos nodos alinhados ou não, não interfere na leitura do percurso definido pelas linhas de conexões.

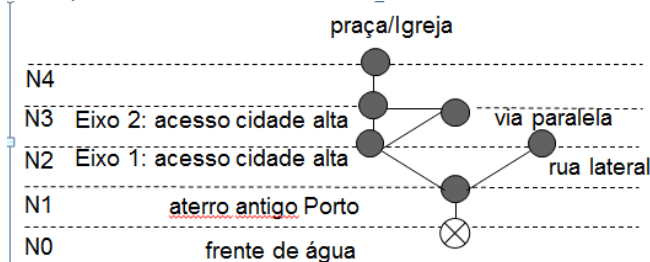


Figura 09 - Gráfico topológico do centro histórico de São Francisco do Sul (BR) conectando por meio de 4 níveis o Antigo Porto e a Cidade Alta. O nível base N0 refere-se à “Frente de água”.

Elaboração própria a partir de dados da investigação.

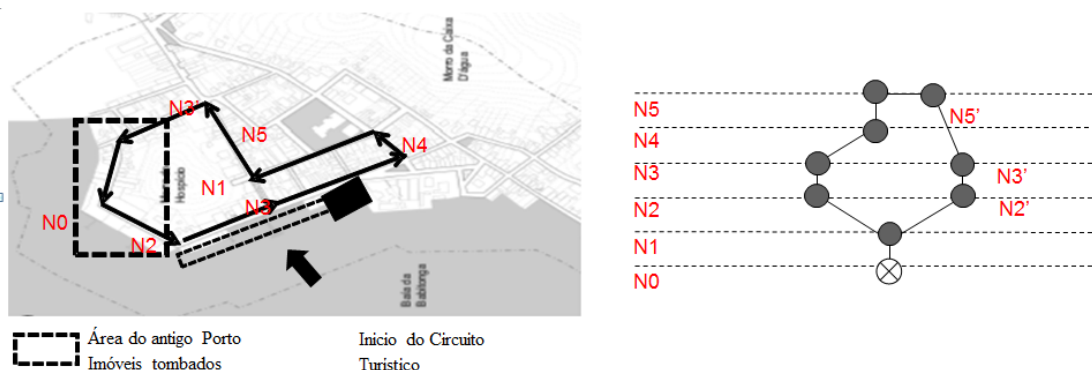


Figura 10 – Gráfico topológico em anel com alternativas de passagem entre os níveis 1 e 5. O nível base N0 refere-se à “Frente de água”.

PMSFS (2013). Elaboração própria a partir de dados da investigação.

Após análise dos dados acima, foi elaborado um roteiro cultural junto ao centro histórico de São Francisco do Sul (BR), o qual se aproxima da lógica observada na Baixa Pombalina, figura 09. Esta proposta é para ser realizada a pé, inicia junto ao antigo porto, atual píer, trajeto 1 e percorre outros trajetos, 2 ao 6, onde o turista poderá vivenciar a paisagem das cidades coloniais portuguesas no Brasil, figura 07.

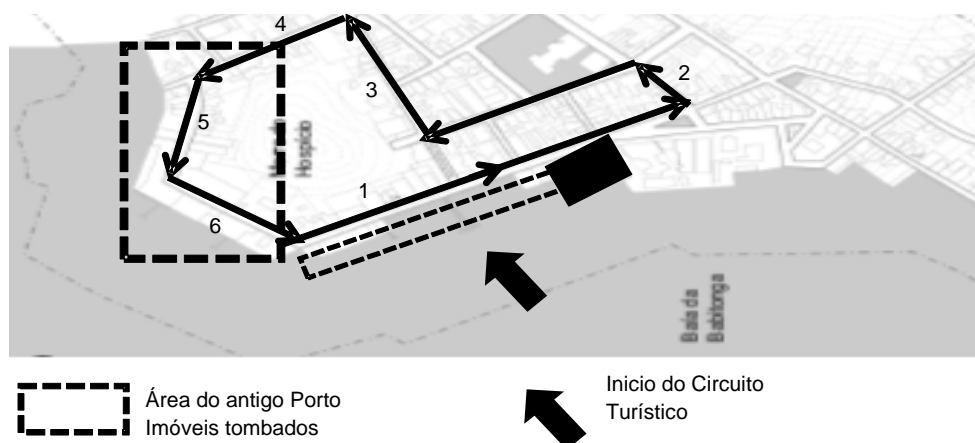


Figura 07 – Roteiro turístico cultural para visitação á pé ao centro histórico da cidade de São Francisco do Sul (BR).
Elaboração própria a partir de dados da investigação.

6 CONCLUSÃO

Em São Francisco do Sul não foram encontradas muitas praças, nem monumentos centrais ao eixo principal, fato que provavelmente se deve as características topográficas do terreno, “limites” e as modestas condições econômicas da sociedade na época. Demonstrando que as intervenções nesta e em outras cidades brasileiras apresentam um caráter monumental mais acanhado quando comparadas as implantadas na cidade de Lisboa.

Também foi possível observar que o lugar, a imagem e a identidade, são peças fundamentais para a operacionalização da divulgação e promoção da cultura local, constituindo assim, um cenário que instiga a preservação dos bens construídos, valorizando-os e promovendo o entendimento de que estes signos que registram o passado conectam a cultural imaterial à cidade, a cidade com a cultura e o turismo.

Este é um dos fatos que instigam a manutenção destes e outros registros, que contribuem com a conservação da identidade das sociedades, por meio da história que permanece registrada nos fragmentos da estrutura física ou em parte das paisagens destas cidades. Paisagem que foi sendo alterada pelos fatos urbanos que se sucederam ao longo dos tempos e que atualmente configuram o ambiente urbano, como uma obra de arte.

Sendo assim, é possível afirmar que São Francisco do Sul é uma cidade que mantém traços de origem portuguesa oriundos do período do Brasil colonial, potencialidades estas que poderão cooperar com a implementação do turismo cultural, o qual irá contribuir com a preservação/recuperação de sua paisagem, memória e identidade cultural. E também contribuirá com o desenvolvimento da economia local, que atualmente vive da produção portuária e da sazonalidade, períodos quando os turistas buscam locais de sol e mar.

Recomenda-se que esta experiência seja replicada para outras localidades, pois o conteúdo gerado poderá auxiliar na identificação de outras paisagens urbanas que se caracterizem como áreas potenciais para o desenvolvimento do turismo.

Ao preservar estes registros, nas cidades, estaremos contribuindo com a divulgação e perpetuação dos fatos que demonstram a evolução da sociedade brasileira, uma história repleta de signos e particularidades, que confere autenticidade a estes locais e os transforma em um produto cobiçado por investidores de diversas áreas. Além de possibilitar que estes territórios possam vir a compor roteiros com novos destinos culturais, dentre outras modalidades turísticas.

E beneficiar a comunidade científica do Brasil, com a produção de novos conhecimentos nas áreas de Arquitetura e Urbanismo, Patrimônio Histórico das Cidades – preservação, recuperação e revitalização da paisagem dos sítios históricos, e de Turismo, majorando a competitividade internacional da pesquisa brasileira.

7 BIBLIOGRAFIA

- AUGUSTO-FRANÇA, J. (2003). *Lisboa – Historia física e moral*. Portugal: Livros Horizonte.
 AUGUSTO-FRANÇA, J. (2009). *Lisboa – Historia física e moral*. Portugal: Livros Horizonte.
 BARROS, J. A. (2007). *Cidade e história*. Petrópolis: Vozes.
 BICCA, P. R. S. y BICCA, B. E. P. (2008). *Arquitetura na formação do Brasil*. 2ª edição – Brasília: UNESCO, Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional.

CHUVA, M. (2014). *Fundando a nação: a representação de um Brasil Barroco, moderno e Civilizado*. Revista TOPOI, v. 4, n. 7, jul.-dez. 2003, pp. 313-333. http://www.revistatopoi.org/numeros_anteriores/Topoi%2007/topoi7a4.pdf. Acesso janeiro, 2014.

LYNCH, K. (1999). *A imagem da cidade*. São Paulo: Martins Fontes.

MICHAELSEN, L. R. (2014). *A cidade colonial no Brasil*. Centurio, Porto alegre: EDIPCRS. Museu da Cidade. Exposições. Exposição Permanente. O Terramoto de 1755 e a Reconstrução(séc.XVIII/XIX). <http://www.museudacidade.pt/Esposicoes/Permanente.aspx>. Acesso em janeiro, 2014.

OLIVEIRA, A. (2010). *Cá e lá, histórias há: mitos e símbolos nas lendas de São Francisco do Sul e da Ilha da Madeira (1994)*. UNIVERSIDADE DA REGIÃO DE JOINVILLE Dissertação de mestrado em Patrimônio Cultural e Sociedade. Joinville, 2010.

PEREIRA, Antônio (1994). *Lisboa Barroca. Da Restauração ao Terramoto de 1755: A Vida e a Mentalidade. Do Espaço, do Tempo e da Morte*. Lisboa: Horizonte, 1994.

PEREIRA, F. A. (1994). *Lisboa Barroca. Da Restauração ao Terramoto de 1755: A Vida e a Mentalidade. Do Espaço, do Tempo e da Morte*. MOITA, Irisalva (coord. de), op. cit., Lisboa: Horizonte.

PESSOA, J. *Cidade barroca ou tardo medieval? A arquitetura na definição dos traçados urbanos da América portuguesa*. Universidade Federal Fluminense. Brasil. <http://www.upo.es/depa/webdhuma/areas/arte/3cb/documentos/089f.pdf>. Acesso em janeiro, 2014.

PORTAS, N. (2011). *A cidade como arquitetura*. 4ª edição. Livros Horizonte: Lisboa.

PREFEITURA MUNICIPAL DE SÃO FRANCISCO DO SUL. *Plano de Preservação do Patrimônio Histórico de São Francisco do Sul*. Fonte: arquivo do ETEC-SFS- IPHAN. Consultado em agosto de 2013.

REIS FILHO, N. G. (1970). *Quadro da Arquitetura no Brasil*. São Paulo: Perspectiva.

ROSSA, W. (2014). *A imagem ribeirinha de Lisboa. Alegoria de uma estética urbana barroca e instrumento de propaganda para o império*. Universidade de Coimbra, 2001. <http://www.upo.es/depa/webdhuma/areas/arte/3cb/documentos/104f.pdf>. Acesso em janeiro, 2014.

ROSSI, A. (1995). *A arquitetura da cidade*. 2ª Ed. São Paulo: Martins Fontes.

ROSSINI, Diva De Mello (2012). *A ARQUITETURA HISTÓRICA DA CIDADE DE ITAJAÍ: um atributo para o desenvolvimento do turismo cultural*. Tese de Doutorado. Programa de Pós-graduação em Administração e Turismo. Universidade do Vale do Itajaí. Biguaçu.

SANTOS, S. C. dos; NACKE, A.; REIS, M. J.; MOSIMANN, R. (2004). *São Francisco do Sul: muito além da viagem de Gonneville*. Florianópolis: Editora da UFSC.

SANTOS, R. I. Correa y GOULART, M. (1998). *TURISMO - Visão e Ação - v.1 - n.1 - p.19-29 jan/jun*.

YAZIGI, E. (2001). *A alma do lugar*. São Paulo: Contexto.